ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A AGRESSIVIDADE NA CRIANÇA - IMPLICAÇÕES EM ENFERMAGEM *

SOME CONSIDERATIONS ABOUT CHILD AGGRESSIVENESS: IMPLICATIONS TO NURSING

Jacó Fernando Schneider[1]
Maria Alice Pereira[2]
Elizabeth R. M. do Valle[3]

RESUMO

O estudo trata da necessidade do profissional de enfermagem no entendimento da criança como um ser em desenvolvimento. Nessa tentativa de compreensão abordamos o comportamento agressivo, levando em consideração algumas teorias que enfocam o referido assunto, possibilitando-nos uma nova perspectiva de ação no relacionamento com a criança.

UNITERMOS: Criança, desenvolvimento, agressividade, comportamento.

ABSTRACT

The study approachs the requirement to professional nurses to understand the child as a developing person. In order to have this comprehension, the child aggressive behavior was approached according to some theories of development that allowed us a new perspective of action in the relationship with the child.

KEY WORDS: Child, development, aggressiveness, behaviour.

INTRODUÇÃO

Ao iniciarmos este trabalho sobre a agressividade manifesta na criança, fez-se necessário primeiramente aprofundarmos a nossa compreensão sobre as crianças, revermos nossas posturas e idéias para uma nova perspectiva, tirar a criança da sua posição de objeto (dos pais, da instituição, das teorias, do Estado) e deixarmos que ela ocupe sua posição de direito, que é a de ser um sujeito em seu momento específico de vida.

Devemos enquanto enfermeiros e profissionais que atuam com a criança, iniciarmos pelo reconhecimento da autonomia da criança, que se traduz nos seus meios de apreender o mundo, de sentir seus limites, seus potenciais, seus desejos e fantasias. Nós só podemos reconhecer essa autonomia se tentarmos entender como é o Ser-no-Mundo desse sujeito chamado (por nós) de criança.

Não devemos nos esquecer que não basta compreender as coisas, mas que é preciso agir sobre elas segundo nossa compreensão para, quem sabe, transcriá-las.

TENTANDO COMPREENDER O QUE É CRIANÇA

Se perguntássemos a um Mestre Zen o que é criança, ele provavelmente responderia com um profundo e tranqüilo silêncio. Isso porque uma resposta única e definitiva não existe, assim como não existe esta "criança" in abstract definitiva. Por outro lado, poderíamos brincar de dialética e dizer o que não é criança: por exemplo, um ser inferior ou primitivo, dado a uma visão evolutiva e redutora de humanidade; ou então um simples organismo passivo de ser adestrado e condicionado por mecanismos sociais; ou ainda um indivíduo que sequer vem a ser alguma coisa, levando em conta nossa realidade subdesenvolvida onde o índice de mortalidade infantil se mantém assustador...

O QUE LEVA A CRIANÇA A AGREDIR?

A frustração – muitas vezes causada por punição, insultos e medos – não leva necessariamente à agressão, mas uma criança frustrada tem mais probabilidade de agir agressivamente do que uma que não o seja (Bandura; Ross; Ross, 1961, apud Papalia; Olds, 1981). Bater nos filhos proporciona um incentivo duplo para torná-los violentos: sem contar o sofrimento e a humilhação, as crianças vêem um

* Trabalho desenvolvido na disciplina Desenvolvimento da Personalidade do Mestrado em Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP, 1993.

1 Enfermeiro, Aluno de Pós-Graduação, Nível Mestrado, Área Enfermagem Psiquiátrica da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.
2 Enfermeiro, Aluno de Pós-Graduação, Nível Doutorado, Área Interunidades da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.
3 Psicólogo, Professor Doutor da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP.

exemplo de adulto com que se identificam agindo agressivamente. Os pais que espancam proporcionam um "exemplo vivo do uso da agressão no momento exato em que estão tentando ensinar a criança a não ser agressiva" (Sears; Maccoby; Levin,1957, apud Papalia; Olds, 1981, p.286).

COMO CRIAR UMA CRIANÇA VIOLENTA?

Ignore-a, humilhe-a e provoque-a. Grite um bocado. Mostre sua desaprovação por tudo o que ela fizer. Encoraje-a a brigar com os irmãos e irmãs. Brigue bastante, especialmente no sentido físico, com seu parceiro conjugal. Bata-lhe bastante.

E se tudo isso não resolver, coloque-a em frente à televisão e dê-lhe carta branca para assistir a todos os espetáculos violentos que haja em disponibilidade (Kramer, 1973, apud Papalia; Olds, 1981).

RECOMPENSAS PARA A AGRESSIVIDADE

Algumas vezes a recompensa é atenção negativa. Os professores de escolas maternais diminuíram a quantidade de agressão exibida por meninos de 3 a 4 anos de idade, ignorando o comportamento agressivo e recompensando as atividades cooperativas (Brown; Elliott, 1965, apud Papalia; Olds, 1981).

Alguns pais e profissionais que atuam com crianças recompensam e encorajam ativamente a agressão em relação a outras crianças, desencorajando-as em relação a si próprios; as crianças aprendem a não bater nos pais, mas se tornam agressivas com outras crianças (Bandura, 1960, apud Papalia; Olds, 1981).

SOBRE DESENVOLVIMENTO

Os estudiosos do desenvolvimento estão interessados em saber como e porque o organismo humano cresce e se modifica de sua forma inicial no útero até se tornar um adulto. Pode-se definir desenvolvimento como mudanças nas estruturas físicas e neurológicas, comportamentos e traços de uma pessoa, que emergem de maneiras ordenadas e são razoavelmente duradouras.

Uma meta da psicologia do desenvolvimento é compreender as mudanças com o passar da idade, que parecem ser universais – mudanças que ocorrem em todas as crianças, não importando a cultura em que cresçam, nem as experiências que tenham. O conhecimento que geram pode ser usado para responder perguntas sobre que comportamentos são normais para diferentes idades, ou se a separação dos pais tem efeitos diferentes em idades diversas.

Grande parte do comportamento das crianças depende do contexto, ou situação em que elas se encontram. Se uma criança vê um companheiro bater freqüentemente nas outras, ela pode imitar esse comportamento agressivo. A mesma criança, com um comportamento não agressivo, talvez não mostre comportamento agressivo. As pesquisas que investigam as influências situacionais ajudam a determinar que experiências afetam de modo importante o desenvolvimento das crianças.

O COMPORTAMENTO AGRESSIVO

Uma das definições tradicionais de agressão é a proposta por Dollard; Doob; Miller; Mowrer e Sears (1939), citados por Biaggio (1980, p.153): "A agressão é qualquer seqüência de comportamentos cujo objetivo é causar dano à pessoa a quem é dirigida".

Bandura (1973), citado por Biaggio (1980), um dos mais importantes teóricos do comportamento agressivo na psicologia atual, considera que uma das maiores limitações dessa definição é pressupor que a agressividade serve apenas a uma finalidade de infringir dano. Berkowitz (1965) e Feshbach (1970), citados por Biaggio (1980), tentaram solucionar este problema distinguindo entre dois tipos de agressão, a agressão instrumental, que seria aquela cujo objetivo é obter recompensas extrínsecas (e não o sofrimento da vítima, como no caso de assaltar para roubar), e a agressão hostil, que seria aquela cujo objetivo único é o de infringir sofrimento a outrem.

Segundo Bandura (apud Biaggio, 1980), a agressão seria melhor definida como comportamento que resulta em dano pessoal e em destruição de propriedade. Este dano pode ser tanto psicológico (sob forma de desvalorização) tanto quanto físico. Além disso, é preciso considerar-se o contexto social. Devemos, portanto, considerar tanto o comportamento como os julgamentos sociais.

A hipótese de Miller(1948), citado por Baldwin (1973), é que o deslocamento resulta das forças opostas de excitação e inibição. Em casa, a criança é instigada à agressão pelos pais que dão o reforço primário para ela. No entanto, ao mesmo tempo os pais castigam a expressão de agressão e obrigam a criança a inibir a resposta.

Sears (1953), citado por Baldwin (1973), ligou os castigos da mãe à frequência de agressão na escola maternal e a frequência de agressão no brinquedo com bonecos. Os filhos de pais que não castigam mostravam pouca agressão na escola e no brinquedo, o que reflete a existência de pouca frustração para provocar agressão. Os filhos de mães que castigavam um pouco mostravam maior agressão, tanto na escola quanto no brinquedo com bonecos. Os filhos de mães que castigavam muito mostravam muita

agressão no brinquedo com bonecos, embora menos agressão do que qualquer dos grupos quando se considerava a situação na escola.

Bandura e Walters (1963), citados por Baldwin (1973), acreditam que as provas para hipótese de frustração-agressão não são muito boas, e que a maior parte da agressão pode ser explicada pelo fato de a criança aprender respostas agressivas, através de imitação quando tais respostas são diretamente reforçadas.

Em vários estudos existem provas de que os pais de crianças agressivas tendem a comportar-se agressivamente e, assim, a dar às crianças modelos de agressão. Além disso, tais pais tendem a estimular ativamente a agressão da criança, sobretudo com relação a outras pessoas.

Vários experimentos mostram que as crianças que são reforçadas por bater numa boneca, ou num palhaço feito especialmente para registrar a intensidade dos socos, tem mais tendência para responder dessa forma num jogo posterior de competição, com contato físico, ou num brinquedo livre (Baldwin, 1973).

MUDANÇAS DESENVOLVIMENTAIS NA AGRESSÃO

A ligação afetiva básica com os pais e amigos é um aspecto importante do desenvolvimento da criança pequena. Mas nem tudo é doçura e suavidade no playground ou em casa. As crianças também mostram agressividade. Elas batem umas nas outras e em seus pais, xingam-se, tomam brinquedos umas das outras e geralmente tentam ferir o corpo ou os sentimentos dos outros; é importante examinar também esse aspecto do relacionamento interpessoal.

A quantidade de agressão aumenta durante os anos pré-escolares chegando a um pico em torno dos quatro anos (Bee, 1984). Ao mesmo tempo a forma de agressão se modifica. Nas crianças de 2 ou 3 anos, o ataque físico é a forma de agressão mais comum. As crianças maiores mostram cada vez menos agressão física e usam cada vez mais as palavras para ferir o outro.

A MANIFESTAÇÃO DA AGRESSIVIDADE NA CRECHE

Em seu trabalho com as crianças, o educador enfrenta, muitas vezes, situações críticas, tais como as de oposição da criança ao adulto, que muitas vezes aparece nos momentos em que este procura ensinar-lhe novos padrões de comportamento.

Nesses momentos em que a agressividade pode se manifestar, a criança precisa de uma relação afetiva forte com alguém que a auxilie a conter seus impulsos, tirando-a da situação desencadeadora, dando-lhe oportunidade para acalmar-se gradativamente (Oliveira et al., 1992).

As mordidas, que são uma forma de agressividade manifesta na criança, surgem muitas vezes como um problema difícil de contornar em crianças de um a três anos e que é agravado pelo receio que os educadores têm de uma forte reação dos pais das crianças mordidas.

Parece que uns mordedores contagiam os outros, fornecendo-lhes um modelo a ser imitado. Em nossa cultura, aliás, ela é com frequência usada pelo adulto como uma carícia, seja dando mordidinhas no pezinho ou na mãozinha do bebê. Outro ponto importante a ser levado em conta é o de que a criança pequena não tem ainda a capacidade de avaliar o quanto dói uma mordida no outro. Uma mordida dada em resposta pode surpreendê-la muito, ao sentir na própria carne o efeito da própria ação.

A expectativa de um comportamento sempre inadequado por parte de uma criança apenas auxilia a mantê-la nesse padrão de comportamento, com dificuldades para ultrapassá-lo (Oliveira et al., 1992).

TEORIAS DE AGRESSÃO

- Abordagem Psicanalítica

Freud (1920), citado por Biaggio (1980), inicialmente considerou a agressão como parte do instinto sexual ou como uma resposta primária à frustração de comportamentos de busca ao prazer ou fuga da dor.

Falava de dois conjuntos de instintos: os sexuais e os de auto-preservação. Mais tarde modificou sua concepção sobre os instintos, classificando-os em dois grupos: - os instintos de vida (Eros), que compreendiam o instinto sexual bem como os de auto-preservação e os instintos de morte (Thanatos) que compreendiam os instintos de agressão e de destruição. A auto-destruição era tão importante que a agressão a objetos externos era considerada decorrente do impulso à auto-destruição (Hall; Lindzey, 1984).

Para Bettelheim (1989), o comportamento agressivo (violento), vem de alguém que não pode visualizar qualquer outra solução para um problema que o atormenta.

A agressividade existe em cada ser humano, mas também existem tendências opostas, e para manter tais forças equilibradas é preciso não negar, reprimir sua existência.

A agressividade faz parte da natureza humana e enquanto prosseguimos com a pressuposição de que ela não deveria existir, poderemos da mesma forma, agir como se ela não existisse.

Se permitirmos que as crianças falem abertamente sobre suas tendências agressivas, elas podem também vir a reconhecer o caráter assustador de tais tendências; esse reconhecimento pode levar a algo melhor do que, por um lado, negação e supressão, e por outro, explosão em

atos violentos.

A brincadeira das crianças está intimamente relacionada à fantasia dos devaneios e dos sonhos. Inibindo suas fantasias agressivas, comportamo-nos como se até pensar e sonhar com a violência fosse pecado.

Esta atitude impede crianças de formarem um pensamento claro sobre o mundo de diferenças que separa a fantasia violenta da atitude violenta da realidade.

Se a criança não tem chances de estabelecer formas satisfatórias de comportamento com relação à violência, mais tarde, pode não ser capaz de traçar uma linha clara entre fantasias violentas e atitudes violentas.

- A abordagem das teorias de "Drive"

Nesta teoria o elemento principal é um Drive (motivo) produzido pela frustração. De acordo com essas teorias, os homens são motivados a se comportarem de maneira agressiva por um Drive produzido pela frustração e não mais por causa de uma força agressiva inata. É geralmente chamada de hipótese de frustração-agressão.

Barker, Dembo e Lewin (1941) e Wright (1942-1943), citados por Biaggio (1980), demonstraram que crianças pequenas tendiam mais à regressão do que à agressão quando frustradas.

Como a frustração está sempre presente, o ser humano sempre teria uma carga de energia agressiva que requer descarga periódica e ambas as posições pressupõem que a agressão é reduzida quando nos comportamos de maneira agressiva.

- Abordagem da teoria centrada-na-pessoa

Rogers (1959), citado por Rotter e Hochreich (1980), considera todas as formas de desajustamento como uma conseqüência de uma inadequação da experiência que interfere no desenvolvimento natural da personalidade saudável, auto-atualizante. De acordo com sua teoria, a conduta desajustada é o resultado do conflito entre os valores próprios do indivíduo baseados em suas reações emocionais e fisiológicas e os valores de outros, adotados por ele.

O modo como o indivíduo se comporta depende do campo fenomenal (realidade subjetiva) e não das condições de estimulação (realidade externa) (Hall; Lindzey, 1984).

Uma pessoa pode negar seus sentimentos agressivos, porque são incoerentes com a imagem que tem de si mesma, como pessoa pacífica e amiga. Em tal caso, é possível que os sentimentos rejeitados possam expressar-se por meio de uma simbolização distorcida, como, por exemplo, projetando esses sentimentos em outras pessoas.

- A abordagem da aprendizagem social

Segundo esta teoria "os seres humanos podem solucionar mentalmente os problemas sem viver todas as alternativas; e eles podem prever as conseqüências prováveis de determinadas ações e alterar seu comportamento de acordo com isto" (Bandura, 1973, apud Biaggio, 1980, p.165). No ser humano, então, o comportamento, seria controlado basicamente por sistemas reguladores: fatores antecedentes (estímulos), feedback de respostas (contingências e reforço), e processos cognitivos que incluem a representação cognitiva das contingências de reforço.

Para uma pessoa que aprendeu a reagir com agressão diante de experiências aversivas, este comportamento se manifestará.

Bandura afirma que a importância do fator modelo é enorme, principalmente numa sociedade tecnológica. As crianças aprendem não apenas o que lhes é dito que devem fazer, mas principalmente o que vêem ser feito por outras pessoas.

- A abordagem gestáltica

O comportamento direto, espontâneo da criança pode ser visto como agressivo pelo adulto que contempla como "por para fora" numa atitude de atingir seu meio ambiente.

Numa abordagem gestáltica, é levado em conta a maneira individual e única na consideração da expressão da agressividade.

Oaklander (1980) considera que o "por para fora" é apenas mais um rótulo inadequado. Para a autora, as crianças passivas, retraídas, subjugadas, talvez até mesmo as catatônicas, também estão "pondo para fora" alguma coisa à sua própria maneira.

Oaklander (1980) nos fala que às vezes, a criança é rotulada como agressiva quando está simplesmente manifestando raiva; ela pode quebrar um prato ou dar um soco em outra criança.

Daí atos agressivos não são a verdadeira expressão da raiva, mas desvios dos sentimentos reais.

Nos atos agressivos, geralmente chamados atos anti-sociais, podem estar incluídos comportamentos destrutivos. Esses comportamentos hostis, podem ser a indicação de que a criança possui sentimentos profundos de ira, rejeição, insegurança, ansiedade, mágoa e senso de identidade difuso.

Enfim, para a autora, o ambiente provoca comportamentos anti-sociais por parte da criança. Esse comportamento acontece de forma gradual, provavelmente a criança expressou suas necessidades anteriormente de maneira mais sutil, como os adultos não responderam a essas necessidades, ela exagera no comportamento.

Estes, que são percebidos como anti-sociais, muitas vezes representam na verdade, uma tentativa desesperada de restabelecer uma ligação social.

O CONTROLE DA AGRESSÃO

Os comportamentos agressivos muitas vezes aprendidos de modelos são mantidos porque têm conseqüências reforçadoras. Muito se tem discutido a respeito dos efeitos da punição sobre a agressão. Os trabalhos de Bandura e Walters (1959) e Bandura, (1960), citados por Biaggio (1980), indicaram que a punição poderia no máximo inibir temporariamente o comportamento agressivo, que não seria desaprendido e poderia reaparecer em contextos diferentes. Mais recentemente se tem verificado que a situação descrita acima é resultante de situações em que a punição é excessiva, como no caso de pais enfurecidos que espancam filhos na tentativa de eliminar comportamentos agressivos. Hoffman (1960), citado por Biaggio (1980), relatou que mães que forçam a obediência através da coação tinham crianças que também usavam táticas agressivas ao lidar com seus companheiros. Mais recentemente tem-se visto que punições brandas (especialmente verbais) podem reduzir a agressão.

Um ponto fundamental com relação a diminuição da agressividade da criança é que os pais e profissionais que atuam com crianças, aprendam a interagir com elas de um modo mais afetivo e cognitivamente estimulante e positivo.

O que se considera é que esses problemas derivam de uma complexa interação da criança e as características ambientais, que diferem de uma criança para outra. Os fatores que influenciam a incidência e a prevalência dos problemas de conduta incluem as características da criança, as características dos pais, da família e dos profissionais, e os atuais estresses a apoios ambientais.

Os esforços para encontrar causas isoladas para a maioria dos problemas de conduta, tais como "lesão cerebral" ou "lares perturbados" tem dado origem ao crescente reconhecimento da complexidade do desenvolvimento humano (Chamberlin, 1982).

IMPLICAÇÕES EM ENFERMAGEM

As diversas teorias abordadas, de alguma forma, mostram que muitas vezes, o adulto ao lidar com a criança, vê a mesma de forma equivocada – como uma miniatura de adulto e, não raro, como um bibelô. Nessa ótica castradora, o livre e saudável desenvolvimento da criança dá-se em meio ao desrespeito, à imposição de verdades e valores inquestionáveis, aos absurdos de atitudes agressivas e inexplicáveis, à incoerência de posturas e ordens, a repressão do prazer e da curiosidade e à falta de estímulos para saber e curtir pessoas e coisas. Geralmente impõem-se certas molduras de comportamento para forjar uma certa personalidade e massacra-se a espontaneidade do ser em desenvolvimento. A enfermagem na relação com a criança pode manifestar esse tipo de atitude.

A ilusão da superioridade da enfermagem frente a impotência e imaturidade infantis deve ser relativizada e questionada em detrimento de uma compreensão e ação mais significativas deste profissional para com a criança, seja ao nível hospitalar, de saúde pública ou pedagógico.

Entender a criança, para nós, significa dialogar com ela, o que também pressupõe o reconhecimento da criança como outro, como sujeito: respeitar os seus impasses, a exploração verdadeira do real, o deslumbramento diante dos objetos, da natureza e das palavras, a espontaneidade de sentimentos e expressão de seus desejos e necessidades.

Da habilidade da enfermagem para aplicar seus conhecimentos ao trabalho diário, decorrerá uma atuação mais construtiva com a criança pois haverá a percepção de que lida com seres que estão passando por um período de mudanças rápidas e contínuas, cujas destrezas musculares e intelectuais estão progredindo desde o estágio rudimentar do recém-nascido até atingir um alto grau de complexidade e integração no adulto. Sendo a criança um ser ávido de sensações e conhecimentos, suas experiências são sempre vitais e ricas de significado. O seu estar-no-mundo reveste-se pela qualidade das experiências que ela vive. Assim, ao mostrar agressividade, ela o faz diante de circunstâncias que podem ser amenizadas ou exacerbadas, dependendo, quase sempre, da forma pela qual o adulto, de modo geral e a enfermagem, de modo especial, acolhe essa manifestação.

Ainda que exista uma dificuldade em lidar com a agressividade manifesta na criança, na sua prática deve existir também uma procura por soluções para esta dificuldade. Aqui atentamos para a forma como o profissional de enfermagem tem sido formado para enfrentar essas situações.

Observamos que nos conteúdos das disciplinas que abordam questões ligadas a pediatria nas escolas formadoras de pessoal de enfermagem, em todos os níveis, dificilmente se contempla a abordagem dessa temática, ou, esta abordagem é pouco aprofundada, levando essas pessoas, no exercício de suas funções ligadas a crianças, a sentirem-se despreparadas para lidar com a agressividade, quando esta se manifesta. Nessas ocasiões a enfermagem pode perceber-se insegura até mesmo para efetivar os procedimentos técnicos, não conseguindo estabelecer um relacionamento com a criança, gerando um afastamento de ambas as partes. De um lado, a criança vivenciando sua

raiva, suas agressões incompreendidas que poderão ter conseqüências no seu desenvolvimento, e, de outro, a enfermagem impotente, frustrada por não poder ajudar.

Por essa razão é importante que a enfermagem busque alternativas de capacitação para lidar com essas situações: buscar uma formação permanente na sua área de atuação, no que tange aos conhecimentos de psicologia acerca do desenvolvimento infantil, às novas formas de se relacionar e às oportunidades para se educar continuamente. Ao nosso ver esses aspectos são fundamentais para a compreensão da criança com comportamento agressivo, dando condições para uma atuação mais segura e um relacionamento mais adequado, favorecendo, assim, um verdadeiro cuidar.

É preciso também, que a enfermagem redescubra a criança que ainda vive dentro de si mesma, o que possibilitaria uma comunicação efetiva e concreta com a criança de modo geral e com a criança hospitalizada de modo particular. Assim, terá condições de participar de todas as atividades de um modo realmente espontâneo (Valle, 1982).

Finalizando, sentimos que inúmeros aspectos poderiam ainda ser discutidos com relação a agressividade manifesta na criança, pois o assunto, na sua abrangência e importância, dentro do processo de desenvolvimento da pessoa e de sua relação com o mundo, é vasto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1 BALDWIN, A. L. *Teorias do desenvolvimento da criança*. São Paulo: Pioneira, 1973.
2 BEE, H. *A criança em desenvolvimento*. São Paulo: Harbra, 1984.
3 BETTELHEIM, B. *Sobrevivência e outros estudos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
4 BIAGGIO, A. M. B. *Psicologia do desenvolvimento*. Petrópolis: Vozes, 1980.
5 CHAMBERLIN, R. W. Prevenção dos problemas de conduta na criança pequena. *Clínicas Pediátricas da América do Norte*: Pediatria Comportamental. Rio de Janeiro: Interamericana, abr. 1982. p.271-280.
6 DAMAZIO, R. L. *O que é criança*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
7 HALL, C. S.; LINDZEY, E. *Teorias da personalidade*. São Paulo: EPU, 1984.
8 LAZARUS, R. S.; MONAT, A. *Personalidade*. Rio de Janeiro: Zahar, l979.
9 MUSSEN, P. H. *Desenvolvimento e personalidade da criança*. São Paulo: Harbra, 1984.
10 OAKLANDER, V. *Descobrindo crianças*: abordagem gestáltica com crianças e adolescentes. 5. ed. São Paulo: Summus, 1980.
11 OLIVEIRA, Z. M. et al. *Creches: crianças, faz de conta & Cia*. Petrópolis: Vozes, 1992.
12 PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W. *O Mundo da criança*. São Paulo: McGraw-Hill, 198l.
13 ROTTER, J. B.; HOCHREICH, D. J. *Personalidade*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1980.
14 VALLE, E. R. M..*Educação permanente de enfermeiras pediátricas sobre aspectos psicológicos da recreação num modelo de pesquisa participativa*.Ribeirão Preto, 1992. Dissertação (Mestrado).

Endereço do autor: Jacó Fernando Schneider
Author's address: Rua Maracajú, 1.491/43 - Ed. Village
Monte Alegre - Ribeirão Preto
CEP 14051-120